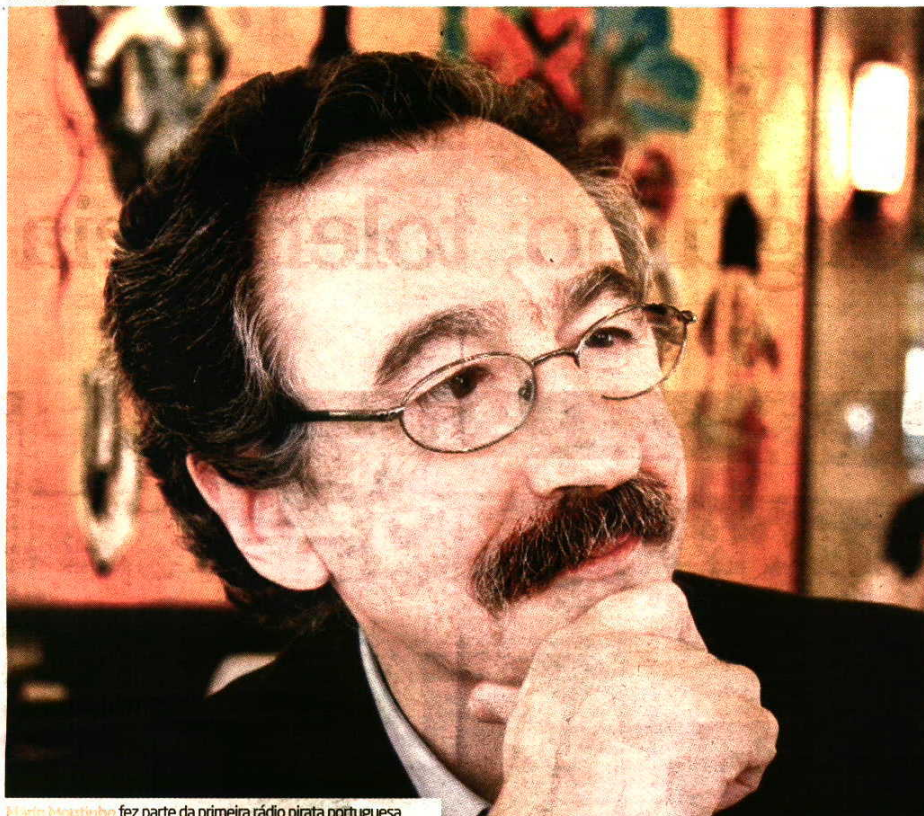




um café com... **Mário Moutinho**

Ana Torres



Mário Moutinho fez parte da primeira rádio pirata portuguesa

♦♦♦ **A QUATRO DIAS DE DISTÂNCIA** da 31ª. edição do FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, Mário Moutinho, director artístico do evento, destacou alguns espectáculos a não perder até dia 8 de Junho, no Porto. É o caso da actuação que vai “Incendiar um prédio da Avenida dos Aliados”, garante, ou do fogo catalão que vai acender-se em frente à Casa da Música, antes do próximo Clubbing. Ainda no âmbito do teatro de rua e das apresentações gratuitas, o encenador e actor sublinha o espectáculo “Imprevísivel” que terá lugar no Serralves em Festa, ao mesmo tempo que recomenda a estreia de um jovem grupo galego que trabalha na área da dança-teatro, a estreia absoluta da portuense Assédio e a peça em que brilha a actriz espanhola Antonia San Juan, interpretando a solo oito personagens distintas. Mário Moutinho tem uma paixão antiga pelo FITEI e pelo teatro, mas a “Viva+” descobriu outra intensa relação que manteve no seu passado.

“Se não fosse actor, faria rádio”

Ainda vão falar consigo na rua por causa da série televisiva “Os Andrades”? É muito curioso. Sei que há repetições na RTP Memória, mas aquele personagem, principalmente na zona do Porto, tem uma longevidade espectacular. No metro, no café, no supermercado, as pessoas vêm ter comigo. Mas também já me falaram por causa de trabalhos de teatro, o que é mais raro e mais gratificante. A televisão é um fenómeno de popularidade, já no teatro temos a barreira entre o palco e a plateia.

Mais desconhecido é o seu trabalho na rádio. Tem saudades? É um passado giro. Tenho saudades. Se não fosse actor, se não trabalhasse com teatro, a única coisa que gostaria de fazer seria rádio. Foi a primeira actividade profissional, ainda andava a estudar. Comecei por fazer pequenas crónicas sobre cinema numa rubrica patrocinada pelo Cinema Batalha e Trindade. Depois fiz rádio-teatro como divertimento e alguma dose



BI

IDADE
61

O QUE FAZ
Director artístico do FITEI

O QUE ESTÁ A LER
Interrompeu “A filosofia segundo Woddy Allen” para reler “A tulipa negra”, de Alexandre Dumas, para uma possível adaptação para teatro.

O QUE ESTÁ A OUVIR
Concerto n.º 2 para piano de Beethoven foi o último disco que ouviu

ONDE ESTIVEMOS
Café Guarany, na Avenida dos Aliados, Porto

O QUE TOMOU
Um café

de irresponsabilidade e acabei por ser, durante alguns anos, animador radiofónico. Foi um tempo engraçado, nos antigos Emissores do Norte Reunidos. Entretanto sei, porque começava a ser demasiado difícil passar as músicas que gostava e que achava importante passar.

Que músicas eram essas? Beatles e coisas do género. Era o único que andava de cabelos compridos e camisas às flores. Depois veio a música de intervenção e os discos eram proibidos. Um dia, bati com a porta.

Mas regressou com as rádios piratas... Voltei com as rádios piratas, que começaram no Porto, no final dos anos 70. As emissões eram transmitidas todos os dias da casa de um de nós, do quintal ou do terraço, sempre de sítios diferentes para não sermos apanhados. Pertenci à primeira rádio pirata que existiu em Portugal, a Rádio Caos, e à segunda, a Rádio Delírio. Gostei muito de fazer

rádio. É uma das minhas paixões.

E como veio parar ao teatro? Vim para o teatro através do cinema. O primeiro trabalho como criador audiovisual foi para uma peça de teatro: um encenador que queria uns efeitos especiais. Na altura, não havia vídeo, fiz aquilo com o formato super8, slides, projecções de acetatos, tintas que aqúcia, fotografias. Ficou uma coisa muito estranha e foi um sucesso. As pessoas ficaram na dúvida se era maluco ou um grande artista. Esse trabalho deu-me a possibilidade de trabalhar com teatro. Já no curso de cinema, tinha ficado muito entusiasmado com a cadeira de direcção de actores... Foi uma descoberta pessoal enorme e, portanto, fiquei sempre com vontade de trabalhar com actores. E não era o meu sonho, de todo, ser actor.

Da rádio para o cinema e daí para o teatro: conseguiu acompanhar a evolução do teatro no Porto...

Passei pelas fases todas do

teatro do Porto. A fase em que havia praticamente só o Teatro Experimental do Porto, a do aparecimento de companhias como a Seiva Trupe e a Pé de Vento, a do nascimento das escolas artísticas do Porto e a das companhias dos anos 90, como As Boas Raparigas, o Teatro Bruto e o Teatro Plástico. Foi um ‘boom’. No pós-25 de Abril, surgiram as companhias semiprofissionais, às quais estive ligado, como o Art’Imagem. Houve momentos áureos do teatro no Porto: pegávamos no jornal e víamos sete ou oito espectáculos em cena. Muitas das salas eram improvisadas e havia público. E continua a haver. O facto de as salas terem menos gente reflecte muitas coisas que é preciso analisar, como o tipo de trabalho que se faz, a divulgação e a continuidade. Em Lisboa ou em Madrid, digo que vou ao teatro. No Porto, pergunto quando é que eu vou poder ir ao teatro?

Textos de Cláudia Luís



café com...

Mário Moutinho director do FITEI ainda é famoso por "Os Andrades"

Conheça a paixão secreta do actor **pág. 11**